

## *Angelina, um folhetim de Délia*

Ana Cláudia Suriani da Silva (UCL)

Javer Wilson Volpini (UFJF)

Ana Cecília Agua de Melo

### **Quem é Délia?**

Maria Benedita Câmara Bormann foi uma importante escritora do século XIX, que, entre o final da década de 1870 e meados de 1895, ano de seu precoce falecimento com apenas 42 anos de idade, publicou romances, crônicas e contos sob o pseudônimo Délia em livros e periódicos brasileiros. Nasceu em 25 de novembro de 1853 em Porto Alegre e faleceu em 23 de julho de 1895 no Rio de Janeiro, para onde havia se mudado com a família aos dez anos de idade. Seu pai era conferente da alfândega. Como a maioria das mulheres da elite brasileira, a escritora teve os meios financeiros e um ambiente familiar propício para desenvolver várias habilidades artísticas, como a pintura, o piano, o canto e o gosto pela literatura e pelas línguas estrangeiras. Aos dezenove anos, casou-se com um tio materno nove anos mais velho, o capitão da infantaria imperial José Bernardino Bormann, o qual também se destacou como escritor e ensaísta, deixando uma obra que relatava as lutas no sul do Brasil e a guerra do Paraguai.<sup>1</sup>

Autora de contos, crônicas – a grande maioria ainda dispersos – e sete romances – *Madalena* (1881), *Aurélia* (1883), *Uma vítima* (1884), *Duas irmãs* (1884), *Angelina* (1886), *Lésbia* (1890) e *Celeste* (1893) –, ficção e realidade confundem-se nas narrativas de Délia. Como escreve Telles,

os sucintos relatos da época sobre a escritora sugerem ter sido “acidentada sua existência romanesca, e cruel o seu destino”. No entanto, nunca essas insinuações se tornam um pouco mais explícitas. Alguns comentários parecem não passar de confusão entre as personagens da autora – especialmente *Lésbia* – e sua vida. Algo contra o que a própria escritora alertou, várias vezes, afirmando que tal prática levava a enganos e confusões.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Para mais informações sobre a biografia da escritora, ver SABINO (1889), TELLES (online e 1998), VOLPINI (2019), BARBIERI (2020), CORREA E SILVA (2022).

<sup>2</sup> TELLES, 1998, p. 7.

Há ainda rumores de que ela tenha se separado do marido, mas essas informações não foram comprovadas.<sup>3</sup>

Délia colaborou com vários periódicos do sul ao norte do Brasil – do Rio Grande, São Paulo, Rio de Janeiro, Vitória e Recife – entre os quais os jornais diários *O Paiz* (RJ, 1884-1934) e *Gazeta da Tarde* (RJ, 1880-1901), e os femininos *A Família* (RJ, 1888-1894) e *Corymbo* (RS, 1883-1944).<sup>4</sup> Foi, no entanto, nos jornais cariocas que ela se fixou como romancista e contista, pois manteve uma coluna em *O Paiz* entre 2 de novembro de 1887 e 31 de julho de 1892, totalizando 25 contos, além de ter publicado o romance *Angelina* (1886) na seção “Folhetim”.<sup>5</sup> Na *Gazeta da Tarde*, publicou dois de seus sete romances, *Aurélia* (1883) e *Uma vítima* (1884). E, em *A Notícia*, ainda realizou a segunda publicação de *Celeste* (1884).

Sabemos que, desde o século XVIII, era comum que as mulheres escritoras assumissem pseudônimos, debaixo dos quais podiam expor seu posicionamento político e suas ideias. A maioria usava pseudônimos masculinos, na expectativa de maior aceitação. Entretanto, no caso de Délia acredita-se que essa atitude vá além do mero ocultamento de uma identidade. A adoção do pseudônimo foi uma forma de (re)batismo da escritora, de reafirmação da sua identidade feminina e rompimento consciente com o papel das mulheres na sociedade patriarcal, apontando, portanto, para o desejo da construção de uma obra literária que desse voz a essas mulheres.

O espaço que Délia conquistou nos periódicos brasileiros, ao lado de intelectuais portugueses e brasileiros importantes, é uma prova do reconhecimento que a escritora recebeu ainda em vida pela República das Letras. Ela colaborou em *O Paiz* ao lado de nomes como os de Maria Amália Vaz de Carvalho, Manoel Pinheiro Chagas, Júlia Lopes de Almeida e Joaquim Nabuco.<sup>6</sup> Além disso, seus contos foram reproduzidos em vários periódicos. “Sensitiva”, por exemplo, saiu primeiramente com o título “Ser ou não ser”, na *Gazeta da Tarde*, em 14 de maio de 1884. Oito anos mais tarde foi republicado, já com o novo título, em *O Paiz*, em 4 de janeiro de 1892, e algumas semanas mais tarde em *A Família*, em 30 de janeiro e 13 de fevereiro de 1892.<sup>7</sup>

---

<sup>3</sup> VOLPINI, 2019.

<sup>4</sup> Sobre o trabalho de regaste das obras de Délia ver TELLES (online), VOLPINI (2019), BARBIERI, (2020), CORREA E SILVA (2022), SILVA; PAIXÃO (no prelo).

<sup>5</sup> Sobre a colaboração contística de Délia em *O Paiz* ver SILVA; PAIXÃO (no prelo).

<sup>6</sup> Sobre a colaboração de Maria Amália Vaz de Carvalho com o jornal *O Paiz*, ver SILVA; LUCA (2022).

<sup>7</sup> BARBIERI, 2020.

Infelizmente, após sua morte, seu nome seguiu o mesmo percurso de outras tantas importantes escritoras de sua época, totalmente silenciadas pelo cânone literário. Como escreve o articulista D. Jayme, na revista *Fon Fon* (RJ, 1907-1958), em 1937:

Délia terminou nesse silêncio sua agitada existência de jornalista e de escritora. Quase sempre é assim. A mulher que se entrega à vida das letras como que sai fora dos trilhos que lhe traçou a própria natureza; quando a sua vocação não é verdadeiramente profunda, é mais aparente, fictícia do que real. E se desencaminha, e se perde no meio dos falsos esplendores dos triunfos efêmeros.

Houve tempo em que o Rio de Janeiro todo somente falava do que Délia havia escrito ou publicado. Hoje, a pergunta natural é esta:

– Quem era Délia?<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> JAYME, 1937.

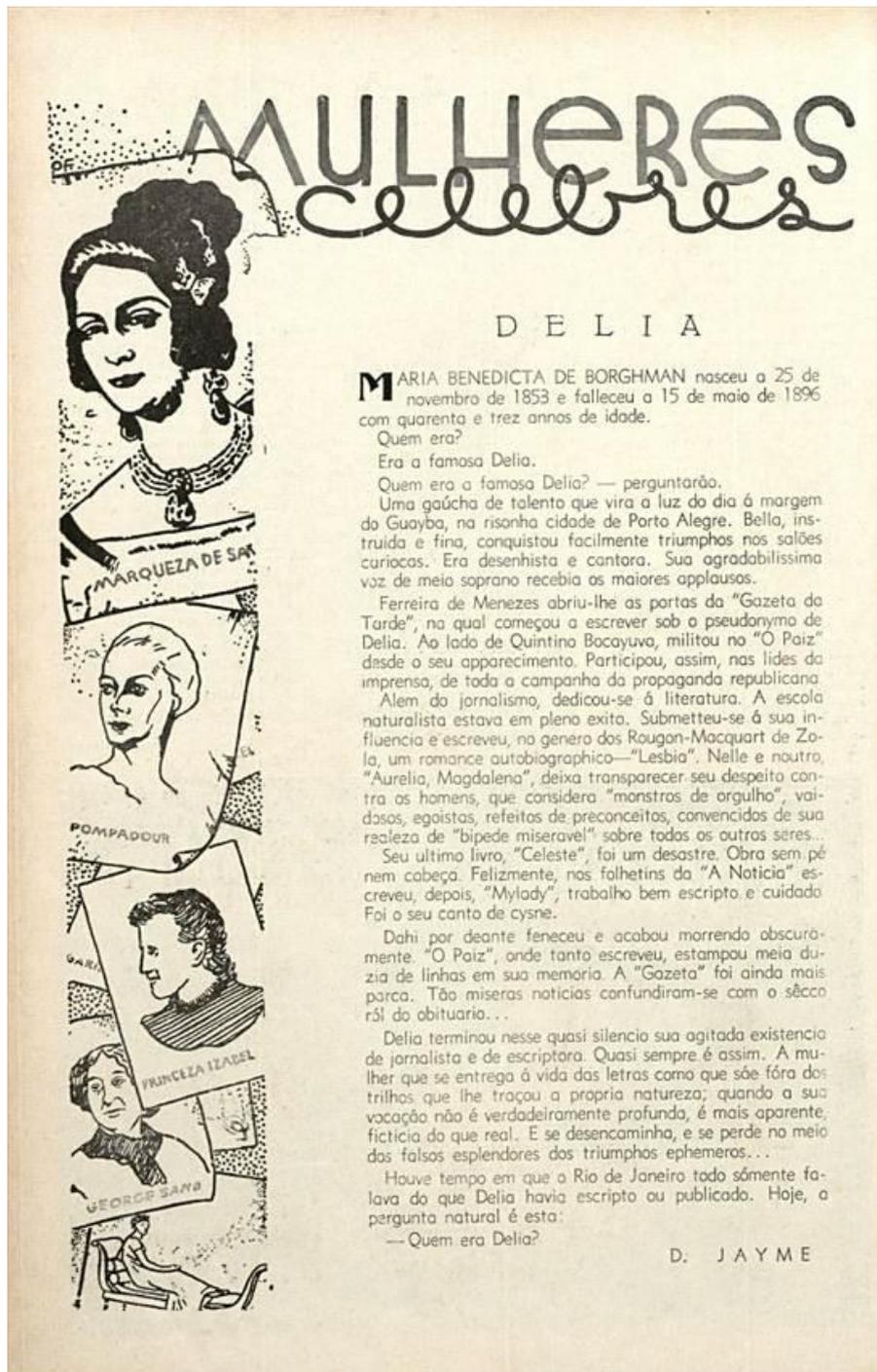


Figura 1: "Délia", Coluna "Mulheres Célebres", por D. Jayme, Revista *Fon Fon*, 4 de setembro de 1937.<sup>9</sup> Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

<sup>9</sup> No texto da imagem há um equívoco na data de falecimento de Délia e, conseqüentemente, na sua idade. De acordo com o registro de seu óbito, ela faleceu em 23 de julho de 1895, com 42 anos de idade.

## O resgate de *Angelina*

Somente a partir da década de 1980, graças ao movimento de resgate de obras literárias de autoras femininas do século XIX, é que escritoras como Délia começaram a figurar nos estudos literários. Destaca-se o trabalho pioneiro da pesquisadora Zahidé Lupinacci Muzart, professora da Universidade Federal de Santa Catarina, que esteve à frente do Grupo de Trabalho *A Mulher na Literatura*, instituído em 1985, na ANPOLL (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística). Com a colaboração de pesquisadoras de todo o Brasil, Muzart conseguiu compilar, organizar e publicar três grandes volumes dedicados às escritoras do século XIX. A antologia *Escritoras brasileiras do século XIX*, volume I (1999), volume II (2004) e volume III (2009), retirou mais de 150 escritoras do anonimato literário brasileiro. Além disso, Muzart também fundou a Editora Mulheres, que (re)publicou muitas obras dessas escritoras, dentre as quais três romances de Délia, *Lésbia* (1998), *Duas Irmãs* (2011) e *Aurélia* (2014), todos editados pela pesquisadora Norma Telles.

Dos romances de Délia *Angelina* é o único, até onde se sabe, que não foi publicado pela escritora em livro e que ainda não possui uma edição de resgate. A recolha, portanto, do texto para esta edição foi realizada a partir da cópia digital do jornal pertencente à Hemeroteca Digital Brasileira. Para inventariar os fascículos de *Angelina*, publicados em *O Paiz* entre 18 de setembro e 30 de novembro de 1886, foi necessário percorrer todos os exemplares do jornal, página por página. Uma vez levantados, prosseguiu-se com a transcrição do texto, correção de gralhas tipográficas, atualização da ortografia e, finalmente, o estabelecimento do texto.

A redescoberta de uma autora que alcançou na *Belle Époque* relativo sucesso crítico e comercial e um espaço na República das Letras tradicionalmente dominado por homens é prova de que a pesquisa de fontes primárias em jornais e revistas continua a ser, em 2023, o principal dispositivo para o descentramento do cânone literário no que diz respeito à autoria feminina e, portanto, para a reescrita da história da literatura brasileira.

Ao mesmo tempo em que contribui para a reavaliação da presença das mulheres de letras na grande imprensa, a leitura crítica do romance diretamente no suporte do jornal torna evidente a tensão entre o que Roger Chartier define como, de um lado, a identidade de uma obra, que é reconhecível e perpetuada, independentemente da sua materialidade, e do outro, a mobilidade dos textos, a mobilidade de suas leituras, formas materiais e modos de atribuição.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> CHARTIER, 2020.

Em primeiro lugar, a qualidade da composição tipográfica e impressão originais, as marcas da passagem do tempo, que resultaram em páginas mutiladas ou ilegíveis, a qualidade da digitalização e, por fim, a leitura dos textos por meio de uma representação digital, realizada por um programa que transforma imagem em texto, criam vários desafios para o reconhecimento da identidade da obra. A página de *O Paiz* em que foram publicados os capítulos 38 e 39, reproduzida na Figura 2, ilustra os vários desafios na transcrição e edição do texto. O jornal encontra-se mutilado, tornando ilegíveis vários trechos do romance.



Podemos comparar a fragilidade da transmissão desse romance – e de outras obras de Délia – aos fragmentos sobreviventes da obra de Safo, os quais talvez sejam o exemplo mais notório na literatura ocidental da vulnerabilidade do patrimônio literário da Antiguidade. Assim como as obras completas de Safo, a perda ou destruição de obras das escritoras brasileiras da *Belle Époque* pode ser atribuída a vários fatores, incluindo a deterioração física dos manuscritos ou impressos, a passagem do tempo, as mudanças políticas e sociais e o silenciamento sistêmico em vida e *post-mortem* da autoria feminina. Ao mesmo tempo, os fragmentos sobreviventes da obra de Safo continuam a cativar a imaginação de sucessivas gerações de leitores e estudiosos por todo o mundo, pois evocam emoções, exploram temas de amor, desejo e anseio, e oferecem uma perspectiva única sobre as experiências das mulheres na Grécia Antiga. Os contos e romances de Délia são feitos da mesma matéria. Narram as aventuras e desventuras de amor sofridas por mulheres ficcionais do final do século XIX, bastante perturbadas por estarem expostas a uma tensão sexual por conta da relação com seus maridos, amantes ou entes familiares. Mesmo que o trabalho de resgate da obra de Délia apresente menos desafios, a comparação com Safo serve como um aviso da importância de esforços diligentes de preservação e transmissão das obras de escritoras brasileiras do passado e das limitações inerentes à nossa compreensão da literatura brasileira devido às inúmeras lacunas existentes na sua história, apontando para o potencial ilimitado de redefinição e reinterpretação do cânone literário.

Em segundo lugar, a mobilidade dos textos, de suas leituras e formas materiais requer um melhor conhecimento da relação entre os textos e seu meio de publicação. No Brasil do século XIX era regra os escritores publicarem seus contos e romances em periódicos antes de os reunir em livro. E a crônica, por muito tempo, teve a sua disseminação limitada devido ao seu suporte, na maioria dos casos só sendo recolhida em volumes muitos anos depois da morte do escritor. O periódico superou o livro como o meio de disseminação predominante da prosa de ficção, principalmente porque as suas tiragens eram maiores do que as das primeiras edições em livro. Mesmo sabendo que os editores mentiam sobre a tiragem de suas folhas, esta era muito maior do que a das primeiras edições de romances e contos, as quais ficavam em torno de quinhentos e mil exemplares. De início, na casa dos 11 mil exemplares, a tiragem declarada no frontispício do jornal *O Paiz* alcançou 24 mil em 1887 e chegou a 30.600 em 1889, o que levou o periódico a adotar o seguinte slogan, impresso no seu cabeçalho entre 1888 e 1895: “*O Paiz* é a folha de maior circulação na América do Sul”.

A materialidade do romance-folhetim e do conto seriado, condicionada pela disseminação em fascículos e pela venda do jornal por assinatura, prolongava o prazer da

leitura e era um fator determinante para a criação de significado e o estabelecimento de um vínculo estreito entre autor e leitor.<sup>11</sup> O tempo de leitura estendido era um elemento crucial da literatura publicada em folhetins, na medida em que “leitores e críticos elaboravam suposições e interpretações provisórias sobre o mundo literário, as quais então moldavam a compreensão progressiva das obras à medida que estas avançavam parte por parte”.<sup>12</sup> As reações e o envolvimento com tais obras estendidas eram diferentes daqueles que os leitores experimentavam ao ler um texto ou grupo de textos reunidos em livro. Em contrapartida, a publicação de contos em um só fascículo satisfazia o desejo de ler um texto ficcional de cabo a rabo sem que o leitor tivesse de se comprometer com uma assinatura ou compra de edições consecutivas do periódico.

A inclusão dos contos e romances de Délia no *bas-de-page* e *haut-de-page* foi, portanto, guiada pela lógica comercial de impulsionar o número de assinaturas e a compra do jornal avulso pelo crescente público feminino leitor de periódicos diários, numa época de mudança de paradigma, dos jornais sustentados por patrocinadores para aqueles sustentados por anúncios.<sup>13</sup> Observamos o texto de apresentação de *Angelina* na véspera do início da publicação do folhetim em *O Paiz*:

### **Angelina**

Começamos amanhã a publicar o romance assim intitulado. Firma-o um pseudônimo já aplaudido nas lides literárias, e aplaudido duplamente porque oculta o nome de uma senhora. Este novo trabalho de Délia é visivelmente um progresso, quer na segurança do estilo, na concepção do enredo e no estudo dos caracteres.

Já em outros contos e romances Délia se revelara escritora de ardente imaginação, e de forma delicada e amena; neste os seus dotes literários mais se caracterizam, mostrando que a talentosa romancista estuda e medita.

Não é um romance de peripécias e de lances muito dramáticos e surpreendentes este que amanhã apreciará o leitor; *Angelina* é antes, uma narrativa íntima, análise psicológica de dois personagens do que uma série de aventuras que impressione pelo tecido de intrigas.

Todavia, o novo trabalho da nossa compatriota prende a atenção do leitor porque nas páginas da narrativa há emoção, eloquência e a pintura de algumas cenas de costumes fielmente observadas.

São poucos os que cultivam presentemente o romance; esse gênero de literatura pede vocação especial, pelo que não devemos

---

<sup>11</sup> FELTES, 1986 e PAIXÃO, 2017.

<sup>12</sup> HUGHES; LUND, 1991.

<sup>13</sup> Ver SILVA (2019).

recusar animação aos que, como Délia, dedicam-se com o melhor êxito a tais locubrações.

Oferecendo em folhetim este romance da nossa distinta compatriota, *O Paiz* crê fazer a seus leitores um delicado mimo. (*O Paiz*, RJ, n. 258, 17 de setembro de 1886, p. 1)

A publicação dos textos de Délia, e em geral de autoria feminina, fossem eles contos curtos ou romances seriados, oferecia complicações e atrativos adicionais ao conteúdo informativo do jornal e às posições políticas e visões de mundo predominantemente masculinas e patriarcais dos seus colunistas. Considerada como o quarto poder ou quarto estado, a imprensa exerce uma grande influência sobre a sociedade através do enquadramento de notícias que são levadas a conhecimento público. E mesmo que a suposta imparcialidade de *O Paiz* tenha sido mais declarada que efetiva,<sup>14</sup> a abertura de espaço em suas páginas para a colaboração feminina atesta os avanços de liberdade de expressão na imprensa brasileira finissecular. *O Paiz* concedeu sistematicamente lugar de fala<sup>15</sup> para as mulheres de letras abordarem a questão feminina a partir de outros ângulos e valendo-se de técnicas diferentes, sem, no entanto, que elas confrontassem abertamente a ordem estabelecida e propusessem renovações, tarefa a cargo, sobretudo, das pequenas folhas, dirigidas no mais das vezes por mulheres que se atreviam a afrontar o coro dominante.<sup>16</sup>

## O folhetim

A expressão literária de Délia merece ser estudada tanto pelos temas quanto pela estrutura e estilo das suas obras. Seus romances e contos oferecem rico material sobre a agência feminina no final do século XIX, ou seja, sobre a capacidade de as personagens femininas tomarem decisões de ordem econômica, política e cultural. A temática de sua obra, centrada nas experiências das mulheres numa sociedade patriarcal e escravocrata, oferece uma variada gama de experiências femininas, ora corroborando com a posição submissa da mulher, ora rompendo com os limites impostos para as mulheres na sociedade.

---

<sup>14</sup> Sobre a posição do jornal em seus primeiros anos de existência, consultar PESSANHA (2006).

<sup>15</sup> RIBEIRO, 2017.

<sup>16</sup> SILVA; LUCA, 2023.

*Angelina* é uma obra central no projeto literário de Délia. Trata-se de um texto mais extenso do que os romances anteriores e composto de vários núcleos de personagens, ao modo do folhetim. A princípio sem relações entre si, ao longo da leitura dos 69 fascículos em que o texto foi dividido para a publicação em folhetins, as tramas e histórias paralelas se entrelaçam num enredo bem amarrado e cheio de emoções.

Tabela 1: Data da publicação dos fascículos do folhetim e dos capítulos correspondentes em *O Paiz*.

Data	Edição	Fascículo	Página de referência	"Capítulo"
18/09/1886	259	1	2	I
19/09/1886	260	2	2	II
20/09/1886	261	3	2	II e III
21/09/1886	262	4	2	III e IV
22/09/1886	263	5	2	IV e V
23/09/1886	264	6	2	V e VI
24/09/1886	265	7	2	VI e VII
25/09/1886	266	8	2	VII
26/09/1886	267	9	2	VII e VIII
27/09/1886	268	10	2	VIII e IX
28/09/1886	269	11	2	IX
29/09/1886	270	12	2	X e XI
30/9/1886	271	13	2	XI e XII
01/10/1886	272	14	2	XII
02/10/1886	273	15	2	XII e XIII
03/10/1886	274	16	2	XIII
04/10/1886	275	17	2	XIII e XIV
05/10/1886	276	18	2	XIV e XV
06/10/1886	277	19	2	XV
07/10/1886	278	20	2	XV, XVI e XVII
08/10/1886	279	21	2	XVII
09/10/1886	280	22	2	XVII e XVIII
10/10/1886	281	23	2	XVIII e XIX
11/10/1886	282	24	2	XIX
12/10/1886	283	25	2	XIX e XX
13/10/1886	284	26	2	XX e XXI
14/10/1886	285	27	2	XXI
15/10/1886	286	28	2	XXI e XXII
16/10/1886	287	29	2	XXI

18/10/1886	289	30	2	XXI e XXII
19/10/1886	290	31	2	XXII
20/10/1886	291	32	2	XXII e XXIII
21/10/1886	292	33	2	XXIII
22/10/1886	293	34	2	XXIII
23/10/1886	294	35	2	XXIII e XXIV
24/10/1886	295	36	2	XXIV e XXV
25/10/1886	296	37	2	XXV
26/10/1886	297	38	2	XXVI
27/10/1886	298	39	2	XXVI e XXVII
28/10/1886	299	40	2	XXVII e XXVIII
29/10/1886	300	41	2	XXVIII
30/10/1886	301	42	2	XXIX
01/11/1886	303	43	2	XXIX
02/11/1886	304	44	2	XXIX e XXX
03/11/1886	305	45	2	XXX e XXXI
04/11/1886	306	46	2	XXXI
05/11/1886	307	47	2	XXXI e XXXII
06/11/1886	308	48	2	XXXII
07/11/1886	309	49	2	XXXIII
08/11/1886	310	50	2	XXXIII e XXXIV
10/11/1886	312	51	2	XXXIV
11/11/1886	313	52	2	XXXIV e XXXV
12/11/1886	314	53	2	XXXV
13/11/1886	315	54	2	XXXV e XXXVI
15/11/1886	317	55	2	XXXVI e XXXVII
16/11/1886	318	56	2	XXXVII
17/11/1886	319	57	2	XXXVII e XXXVIII
18/11/1886	320	58	Suplemento, p. 1	XXXVIII e XXXIX
19/11/1886	321	59	2	XXXIX
20/11/1886	322	60	2	XXXIX e XL
21/11/1886	323	61	Suplemento, p. 1	XL
22/11/1886	324	62	2	XL e XLI

23/11/1886	325	63	2	XLI e XLII
24/11/1886	326	64	2	XLII
25/11/1886	327	65	Suplemento, p. 1	XLII
26/11/1886	328	66	2	XLII e XLIII
27/11/1886	329	67	2	XLIII e XLIV
28/11/1886	330	68	Suplemento, p. 1	XLIV
30/11/1886	332	69	2	XLIV

A obra de Délia trata de questões importantes, tais como a educação para as mulheres, os casamentos arranjados, o alpinismo social, a saga dos “caça-dotes”, os amores não correspondidos, o desejo do divórcio em uniões fracassadas e, principalmente, as máscaras sociais. Estas são artifícios usados para manter as aparências no universo social, velando a realidade do espaço privado, e estão presentes na construção de diversas personagens de Délia. Em *Angelina* percebemos convergências com todas essas temáticas, ambientadas nos espaços de circulação da sociedade carioca mais abastada.<sup>17</sup>

*Angelina* se abre com a cena de uma pobre mãe com o filho nos braços indo suplicar alguma atenção de um pai jovem, abastado e indiferente. A situação é clássica: Inácio está prestes a se casar com Gabriela, devendo uns seus amores passados, a mestiça Maria, serem relegados à obscuridade, junto com Paulo, o bebê fruto da debilidade de Maria e da concupiscência de Inácio. Adiante, Gustavo, o herdeiro do enlace da boa sociedade, *patrocinado* desde o berço, crescerá em contraponto a Paulo, num modelo de vidas paralelas. Este, malnascido, usa o nome da mãe no lugar do faltante sobrenome do pai e é a encarnação do talento injustiçado, ao passo que aquele ilustra a vacuidade bem apadrinhada.

No folhetim não há lugar para entretons. Maria e Paulo, com seus nomes bíblicos, estão nos antípodas de Gabriela e Gustavo. Sedutor de uma e marido de outra, pai natural de um e pai legítimo de outro, Inácio não chega a nenhuma forma de comunhão afetiva. Seu domínio é o dos privilégios, convenções e preconceitos. Na sucessão dos capítulos, paternidades e maternidades em contraponto, algumas tortuosas, compõem como que o caminho de pedras, o calvário até a plenitude amorosa. Muitos nascimentos em falso (felizmente redimidos pelo amor) depois, um matrimônio virá para dizer que o mundo tem conserto.

---

<sup>17</sup> Para uma análise mais aprofundada dos sete romances de Délia, ver VOLPINI (2019).

O estilo do narrador (ou narradora...) de Délia é proloquial. “Prolóquio”, palavra reiterada no texto, é sinônimo de máxima, regra, preceito, ditado, refrão. “Ainda uma vez realizava-se o prolóquio. Pouco saber produz a vaidade e, muito saber, a modéstia.” Sentenciosa, dona de uma sabedoria que se quer atemporal, a narração risca uma fronteira nítida entre o vício e a virtude, sem deixar zonas de sombra para a imaginação do leitor.

No capítulo 2, Gabriela é a antítese viciosa da Maria do capítulo 1. Paulo Maria e Gustavo, meios-irmãos, se opõem, inclusive na condição de rivais no coração de Angelina. A personagem feminina cujo nome dá título ao folhetim atravessa um calvário de desencontros que prefacia a consumação prevista na narrativa. É filha de Carmen com Gonçalo Diniz, um “bom partido” convencional. Sua mãe, por sorte, ficou viúva e pôde se unir a seu verdadeiro amor, Caius, mas uma febre veio interromper sua vida e cortar o fio da felicidade conjugal. O dedicado Caius, por sua vez, terá em Margarida, sua meia-irmã, uma espécie de consorte na criação de Angelina. Assim, completamente órfã, a menina se verá aos cuidados de um “casal” de padrasto e madrasta amantíssimos. Mais tarde, Caius terá a desventura de ter de sufocar o amor incestuoso pela filha postiça, enquanto Margarida se sairá como perfeita pedagoga da moça.

Nessa altura, embora a plenitude amorosa permaneça interdita, ora pela injunção dos casamentos de conveniência, ora pela fatalidade, o papel da mulher como educadora já se consuma. O magistério feminino, estritamente doméstico, é felicidade modesta, mas acessível na rede de desacertos conjugais. Tal será o quinhão de Angelina na primeira fase de seu histórico sentimental, uma repetição do matrimônio convencional de Carmen e Gonçalo. Casada com Gustavo e tendo dado à luz Jayme, a personagem, por seu empenho educativo, poupará o garoto do infortúnio de sair ao pai. Ao embalo de frases sentenciosas, como “no casamento são essas duas virtudes [paciência e resignação] o conforto e o sustentáculo da mulher!” e “a maternidade, a mais grandiosa e devotada manifestação do amor humano”, as lições de Angelina demonstrarão que a boa vigilância moral corrige a hereditariedade. Jayme, embora filho de um homem fraco de vontade e dissipado, crescerá retamente. Trocando em miúdos, herdamos o vício, mas podemos ser educados para a virtude.

Nesse ponto, o folhetim de Délia abre uma polêmica com a estética e as teses do naturalismo. Sob as lentes moralizantes da folhetinista, o movimento inaugurado por Émile Zola se esgotaria no gozo do espetáculo oferecido pela *besta humana*, exposta nas minudências de sua biologia, sem mostrar o caminho que a virtude e a espiritualidade abrem à contenção dos instintos. E, assim, a narrativa tem em Vicente Martins um teórico, um cético, vencido por

um sopro de poesia e quase de milagre, o ramalhete de murta que nunca perde “a imaculada alvura” e o “perfume de pureza”.

Angelina é objeto do amor, lícito ou incestuoso, de todos os homens bons, dentre os quais o mestiço Paulo Maria, a quem o narrador (ou narradora...) recusa a plenitude amorosa, preferindo fazer dele a encarnação de um ideal democrático. Paulo, filho natural, é tenaz, talentoso e conquista o diploma de médico. Torna-se doutor pelo saber, não pelo patrocínio ou patrimônio. Segundo a perspectiva do folhetim, é um espécime raro em terras onde valem o lustre do nome e o apadrinhamento. Sem patrocínio, sem patrimônio, sem padrinho, sob todos os aspectos falta pai a Paulo Maria, o que sobra a Gustavo, a quem, no entanto, faltam talento, caráter e vontade.

A finura epidérmica de Gustavo é lida na chave dos males do país. Como sempre na estética folhetinesca, os contrastes são absolutos: Paulo é o antípoda de Gustavo assim como a Europa é a luz e o Brasil, as trevas. O folhetim, além do seu amor aos contrastes, também permite irônicos lances de sorte, e é por esse intermédio que Paulo vai à Europa se aperfeiçoar na clínica. Ali, sentencia:

Melancólico sorriso soabriu-lhe os lábios ao evocar a lembrança da pátria, do ninho natal; com amargura repetiu o mimoso verso de Gonçalves Dias:

*Minha terra tem palmeiras*

acrescentando:

– E muito sol, muita seiva e esplendores, é certo, mas também muito atraso, vilania e abusão! Quanto me custará conviver com criaturas retrógradas, depois de haver visto a luz tão de perto, a ponto de sentir-me ofuscado!... Mas devo à minha mãe e acho que todo o homem tem obrigação de habitar o seu país, contribuindo quanto possível para o seu melhoramento. Demais, tenho hoje um lugar na sociedade, não mais lutarei, como outrora, contra tudo e contra todos: paguei ao destino o meu tributo de dor e de fadiga e estou quite.

O mesmo caminho faz o filosófico Vicente, que além-mar toma “posse de vastos conhecimentos que, por assim dizer, o expatriaram desse nosso imperdoável atraso, eivado de preconceitos e entravado pela sede de ambição e de domínio de alguns pretensos potentados”. Vale dizer que neste “imperdoável atraso” tem grande parte o abuso dos homens brancos (e poderosos) contra as mulheres negras a serviço deles. Desse abuso a mestiçagem é a cicatriz. Daí vem a ambiguidade do folhetim com relação à personagem do mulato. Se Paulo Maria é modelo de virtude e de inteligência, a ponto de se autoerigir como exemplo a ser seguido na melhoria do país, a cor de sua pele é emblema de um ponto fraco de nossa cultura. Poderíamos

arriscar dizer que a folhetinista ama o mestiço, mas vê a mestiçagem como mácula, criando um herói sem descendência, um solitário.

Paulo Maria está a provar que nem tudo é nítido no folhetim. Afinal, se o padrão com que nos medimos é uma Europa idealizada, não há como acertar com o destino do filho de uma escrava. Aliás, aqui não se trata de herói, mas de heroína. *Angelina*, com sua imaculada alvura – de corpo e de alma –, era espelho para as senhoras às quais se reservava o rodapé do jornal. *Angelina*, o folhetim, doura a pílula dos dissabores das matronas com uma camada de moral e outra de sonho, a promessa do encontro amoroso.

### ***Angelina* no projeto literário de Délia**

*Angelina* oferece ao leitor a narrativa de uma mulher escravizada, externando as relações abusivas entre senhores e escravas, que corriqueiramente eram abandonadas grávidas. Os filhos deste tipo de relação, considerados como mestiços e ilegítimos, não eram reconhecidos, restando-lhes um lugar à margem da sociedade. A narrativa é muito cuidadosa, apresentando reflexões sobre o tratamento dispensado a essas escravas, como eram punidas pelas senhoras, que as culpavam por seduzir os homens da casa e, também, a condição das crianças frutos dessas relações: os preconceitos de que eram vítimas na sociedade e a constante necessidade de se superarem para tentar obter algum reconhecimento social. Ainda que houvesse mérito, o preconceito social era o principal descrédito, algo muito próximo das relações vivenciadas pelas minorias em nossa sociedade ainda nos dias atuais.

Tendo sido publicado em um jornal republicano e abolicionista, a dois anos da abolição da escravatura, o romance se inseriu nos debates abolicionistas da época. A questão da escravidão é vista, como em grande parte das narrativas literárias de Délia, do ponto de vista de personagens femininas das classes mais abastadas que, ainda que vítimas de um lugar social de submissão na cultura patriarcal, sempre gozaram de alguns privilégios e de mais oportunidades do que as mulheres de classes mais baixas e das escravizadas.

Norma Telles afirma que Délia era abolicionista e defendia que “a escravidão era uma página negra que não estava encerrada”.<sup>18</sup> Ela se manifestava contra a maneira pela qual os escravizados eram emancipados mediante compensações, que nem sempre se traduziam em dinheiro; em muitas situações, eram concedidas em forma de honorárias. O processo de abolição

---

<sup>18</sup> TELES, 2015, p. 435.

não ocorria como uma questão humanitária, visto que grande parte das cartas de alforria precisava ser comprada. Em *Angelina*, a mulata Maria, que se tornaria também ama de leite, recebeu a carta de alforria como reconhecimento da dedicação e do amor oferecido ao filho branco que amamentou e criou. O filho mestiço, que cresceu ao lado do irmão de leite, teve acesso a uma educação graças aos padrinhos, mas mantida pelos seus próprios méritos, resultando em uma formação excepcionalmente rara para um descendente de escravos naquela época.

A posição do homem na sociedade patriarcal sempre se caracterizou por sua superioridade incontestável. Sob as lentes de Délia, a instituição do casamento é um negócio. Trata-se de uniões arranjadas, sem amor, por interesse, como contrato econômico, político e social. Na fórmula de Mary Del Priore, em fins do século XIX o casamento ainda era um negócio presidido pelos pais. Ela faz uma narrativa sobre a preparação das moças para o casamento, de como se dava a educação das meninas, a preocupação da família com o dote das filhas, a busca por pretendentes de melhor reputação e posição social e, mais importante, a vigília para a preservação da virgindade pré-nupcial. Era por meio do casamento que as famílias multiplicavam suas fortunas, adquiriam status e reafirmavam o poder e a influência que exerciam na sociedade.<sup>19</sup>

De acordo com Maria Ângela D’Incao, as mulheres representavam um capital simbólico significativo, ainda que a autoridade familiar permanecesse nas mãos masculinas, seja do pai ou do marido.<sup>20</sup> Era simbólico, exatamente porque o feminino não tinha expressão de poder; mas importante, porque da mulher provinha toda a imagem positiva da família e do sucesso do casamento, desempenhando suas funções de esposa, mãe e gestora do lar.

Nesse sentido, Délia retrata Angelina como um arquétipo tradicional, espelhando a situação das jovens de famílias abastadas, enquanto também questiona os desastres a que as uniões estavam sujeitas. Embora a Angelina fosse permitido o privilégio de se casar por amor, tendo descartado outros pretendentes, sua escolha não se mostrou auspiciosa. Ela se casou com um homem de mau-caráter, pois ele encarava o casamento como um meio de ascensão social e de sustentar uma vida marcada por hábitos desregrados, tudo financiado pela ligação com uma jovem abastada. O que Angelina evidencia é que as mulheres não eram instruídas para selecionar um marido adequado; não tinham sequer a chance de estabelecer o contato necessário para avaliar a índole do pretendente. Elas só tinham a oportunidade de se avistar

---

<sup>19</sup> DEL PRIORE, 2014.

<sup>20</sup> D’INCAO, 2015.

com os rapazes nos momentos de galanteria dos saraus. Com a vivência do casamento de Angelina, Délia não apenas revela a falta de preparo das jovens para a seleção do cônjuge, mas também demonstra que a dedicação ao esposo e à vida doméstica não as protegia contra traições, abusos e, sobretudo, o controle social ao qual estavam sujeitas. De acordo com Del Priore, naquela época, a fidelidade no casamento era esperada das mulheres, enquanto os homens não só eram propensos à infidelidade, mas também incentivados a isso na cultura patriarcal. A intimidade do lar era reservada para o amor respeitável, enquanto os prazeres eram buscados fora do casamento. A responsabilidade pela estabilidade do casal recaía principalmente na honra e fidelidade da esposa.

Não há muita novidade no tratamento que Délia dispensa ao tema do adultério, uma prática socialmente aceita e frequentemente retratada em romances. No entanto, ela vai além, ao abordar a questão das doenças sexualmente transmissíveis, em particular a sífilis. O comportamento adúltero do marido de Angelina fez com que ele contraísse a doença, não a contaminando somente porque o casal já não mantinha relações íntimas. A sífilis foi uma das mais importantes moléstias do mundo, que chegou ao Brasil com os europeus e rapidamente se tornou uma epidemia de difícil controle, principalmente a partir do século XVI. Gilberto Freyre tratou em *Casa grande e senzala* (1966) de como a doença se disseminou pelo Brasil, em grande parte devido à violência sexual infligida pelos colonizadores brancos às mulheres escravizadas, resultando em uma propagação desenfreada da enfermidade. A marca da sífilis no corpo dos rapazes era orgulho de virilidade. Mesmo durante o século XIX, a doença persistiu como um desafio para a saúde pública, com tratamentos mais eficazes surgindo somente no início do século XX. Fica evidente que Délia estava atenta a temas relacionados à sexualidade e os analisa a partir da perspectiva das mulheres, ou seja, ficcionaliza os riscos a que as mulheres casadas se submetiam numa sociedade em que a prática do adultério era a norma.

Com tantos dissabores em suas relações, para muitas mulheres restava apenas a resignação, amparadas pela conformidade cristã com seu lugar na sociedade e o uso das máscaras sociais. Délia explora essa situação em praticamente todos os seus romances. A construção de narrativas que transitam entre os universos públicos e privados nas relações sociais, vivenciadas por meio do casamento, possibilita uma compreensão do que era a realidade, no foro íntimo, e do que era apresentado socialmente, no foro público. Frequentemente a experiência do matrimônio despertava o desejo pelo divórcio, mas prevalecia o temor nas personagens femininas pelo rebaixamento moral e o cancelamento social. Délia demonstra grande preocupação com esse tópico em suas narrativas. Ao longo de sua obra surgem contextos diversos em que suas protagonistas fazem uso desse direito legal. A

maternidade assume papel de grande importância, inclusive em narrativas em que as heroínas não tiveram filhos. A decisão consciente de não se tornar mãe parece insinuar um desejo de ruptura, característico dos diversos perfis femininos habilmente desenvolvidos pela autora. Em sua obra, a maternidade – biológica e afetiva – é representada em todos os seus matizes. Ao explorar uma variedade de perfis maternos, a autora proporciona ao leitor uma análise da atuação feminina que se alinhava com os valores predominantes, porém filtrada através de diversas perspectivas.

No romance *Angelina*, destaca-se ao longo de toda a narrativa a temática da maternidade e as complexas relações que as mulheres estabelecem na criação de seus filhos. Isso abrange desde a abnegação completa em prol dos filhos até o oposto, com mães deixando de lado seu papel para se dedicar a suas próprias vaidades.

Embora mantida como elemento de tradição na narrativa, a maternidade também será abordada em variadas nuances. Ela é retratada como um amor sublime marcado pela proteção e dedicação aos filhos, mas também como um mero processo biológico, destituído do que Délia rotula como "missão sagrada". A maternidade é vista como uma recompensa divina para atenuar as adversidades de um casamento fracassado e como um presente do acaso, representado pela "maternidade de coração", que assume uma função pedagógica direcionada à educação e instrução, moldando comportamentos e enriquecendo a formação moral. Ela também é percebida como uma missão de vida, uma dedicação completa para instilar nos filhos os mais elevados exemplos de caráter e honradez. Além disso, a maternidade é vista como uma possibilidade de regeneração para uma vida que antes estava desregada. Nesse último aspecto, é possível perceber uma conexão com o romance *Lucíola* (1862), de José de Alencar, em que a maternidade é uma força sagrada que transforma a vida da protagonista cortesã. Essa mesma força de transformação se aplica a Nísia, uma importante personagem que serve de contraponto a Angelina.

É evidente que a maternidade transcende o fato biológico de dar à luz, abrangendo diversas funções ligadas à formação dos filhos. Enquanto as meninas eram submetidas a uma educação marcada por restrições e limitações, os meninos desfrutavam de um tratamento educacional completamente distinto, repleto de privilégios que muitas vezes contribuíam para desvios morais. Essa estrutura familiar delineava claramente os papéis da esposa e mãe. Sua bem-sucedida execução não apenas repercutia no seio familiar, mas também assegurava uma maior mobilidade social para a mulher. Lembremos que a mobilidade social constituía mais uma entre as variadas funções do casamento.

Havia um desejo de regulação social ligado à maternidade para manter a mulher em casa, atrelada aos afazeres domésticos, além da oposição entre maternidade e realização sexual, corroborando com a regulação do corpo feminino. Na sociedade patriarcal a mulher era preparada para o casamento, e dentre as principais funções que ela exercia nos arranjos familiares, como aumentar o *status* do cônjuge, consolidar seu poder econômico, social e até político, ela tinha a importante missão, e desta não podia se furtar, da maternidade.

Como afirma Del Priore “as mulheres do século XIX são feitas de rupturas e permanências. As rupturas empurram-nas para a frente e as ajudam a expandir todas as possibilidades, a se fortalecer e a conquistar. As permanências, por outro lado, apontam fragilidades”.<sup>21</sup> Essa alternância entre tradição e ruptura também é uma constante em toda a obra de Délia. Ao construir personagens que personificam essas duas possibilidades de ação, a autora transita entre a realidade concreta e o ideal nas trajetórias de vida de suas heroínas. São personagens que refletem a ideologia patriarcal do seu tempo, submetendo-se ao papel social que lhes é designado. Algumas personagens aceitam essa situação ao longo de suas vidas, buscando consolo na maternidade. Outras desviam-se parcialmente desse paradigma, substituindo a monótona instituição do casamento por uma busca por educação e conhecimento. Outras, ainda, rompem significativamente com suas realidades e posições sociais, assumindo o controle de suas próprias histórias. Apesar de suas características individuais, todas essas personagens provocam uma reflexão profunda sobre o papel das mulheres na sociedade do período. O romance *Angelina* é um exemplo dessa abordagem e seu resgate após quase 150 anos oferece uma oportunidade valiosa para enriquecer a apreciação da obra de Délia e contribuir para uma reavaliação da literatura brasileira, além de oferecer rico material para a crítica literária feminista.

### **Esta edição**

Esta edição apresenta os fascículos do folhetim *Angelina* recolhidos da coleção do jornal *O Paiz*, disponível na Hemeroteca Digital Brasileira. A transcrição resultou de um trabalho de equipe, realizado em 2020, o qual contou com recursos do Global Engagement Funds, UCL, e do SAE, Unicamp, dentro de uma parceria de pesquisa entre a Faculdade de Educação (FE) da Unicamp e a School of European Languages, Culture and Society (SELCS), UCL,

---

<sup>21</sup> DEL PRIORE, 2014, p. 7.

respectivamente coordenado por Alexandro Henrique Paixão e Ana Cláudia Suriani da Silva. Os bolsistas da Unicamp que participaram do projeto são Arieta Marafon Fabrício (FE), Daphne Nathielle Goulart da Costa (IEL).

Apresentam-se a seguir os critérios utilizados na edição do romance, cabendo esclarecer, ainda uma vez, que a pesquisa partiu das páginas do jornal. Como até onde se sabe o folhetim não foi reunido em livro pela autora, não foi possível solucionar palavras ou trechos ilegíveis. Indicamos as poucas palavras ou trechos que permaneceram ilegíveis com “[ileg.]”.

Listam-se a seguir os procedimentos adotados:

- **Atualização ortográfica.** Foi realizada no conjunto da obra, em consonância com o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa vigente no Brasil, mas mantivemos a grafia de palavras estrangeira hoje já aportuguesadas, como *bond*.
- **Correção de erros tipográficos.** Corrigimos o que pudemos identificar, com razoável margem de segurança, como “gralhas” do jornal, tomando o cuidado de preservar o que soava, consistentemente, como idiosincrasia da autora.
- **Manutenção da pontuação original**, com exceção das gralhas mais evidentes.
- **Adoção do itálico** para vocábulos e expressões em língua estrangeira e títulos de livros.
- **Manutenção do itálico** para indicar ênfase e nomes de personagens.

## Referências

BARBIERI, Claudia. Contos na imprensa: Délia e a narrativa breve. *Letras em Revista*, Teresina, v. 11, n. 02, jun./dez. 2020. Disponível em: <<https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/view/324>>. Acesso em: 05 maio 2023.

CHARTIER, Roger. Literature and written culture: Stability of works, mobility of texts, plurality of readings. In: SILVA, A. C. S.; ABREU, M. (orgs). *The Cultural Revolution of the nineteenth century: Theatre, the book and reading in the transatlantic world*. Londres: Bloomsbury, 2016. p. 11-26.

CORREA E SILVA, Laila Thaís. Introdução. In: BORMANN, Maria Benedita Câmara (pseudônimo Délia). *Contos esquecidos*. Organização de Laila Thaís Correa e Silva. Campinas, SP: Unicamp, Publicações IEL, 2022. p. 9-50.

D. JAYME. Délia. Coluna “Mulheres célebres”, *Fon Fon*, 4 de setembro de 1937.

D’INCAO, Maria Ângelo. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. 3. reimp. São Paulo: Contexto, 2015. p. 223-240.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias e conversas de mulher: amor, casamento e trabalho em mais de 200 anos de história*. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2014.

FELTES, N. N. *Modes of production of victorian novels*. Chicago: The University of Chicago, 1986.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. 14. ed. Recife: Imprensa Oficial, 1966.

HUGHES, Linda; LUND, Michael. Linear stories and circular vision: The decline of the victorian serial. In HAYLES, N. Katherine (org.). *Chaos and order: Complex dynamics in literature and science*. Chicago: University of Chicago Press, 1991. p. 167-194.

PAIXÃO, Alexandro Henrique. *Leitores, tinta e papel: elementos constitutivos para o estudo do público literário*. Campinas: Mercado de Letras, 2017.

PESSANHA, Andréa Santos da Silva. *O Paiz e a Gazeta Nacional*. Imprensa republicana e abolição. Rio de Janeiro 1884-1888. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2006. Disponível em: <<http://app.uff.br/riuff/handle/1/24782>>. Acesso em: 14 dez. 2021.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SABINO, Ignez. *Mulheres illustres do Brazil*. Rio de Janeiro; Paris: Garnier, 1899. Edição fac-similar. Florianópolis: Editora Mulheres, 1996.

SILVA, Ana Cláudia Suriani da; LUCA, Tania Regina de. A mulher jornalista na Belle Époque carioca. In: FACCHINETTI, Cristiana. (org.). *Mulheres no Brasil: como chegamos até aqui*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2023. p. 16-36.

SILVA, Ana Cláudia Suriani da; LUCA, Tania Regina de. Maria Amália Vaz de Carvalho: De Portugal para o Brasil. In: CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Conversas lisboenses & outros escritos (1884-1889)*. Organização de Ana Cláudia Suriani da Silva e Tania Regina de Luca. Campinas: Editora da FE – Unicamp, 2022. p. 9-34. Disponível em: <<https://www.bibliotecadigital.unicamp.br/bd/index.php/detalhes-material/?code=111706>>. Acesso em: 05 maio 2023.

SILVA, Ana Cláudia Suriani da Silva; PAIXÃO, Alexandro Henrique. Contos de Délia: Confissões sobre a sedução. In: BORMANN, Maria Benedita Câmara (pseudônimo Délia). *Contos por Délia (1887-1892)*. Organização de Ana Cláudia Suriani da Silva e Alexandro Henrique Paixão. Campinas: Editora da FE – Unicamp, (no prelo).

SILVA, Ana Cláudia Suriani da Silva. Os contos de Machado de Assis: periodicidade e ficção no Brasil no século XIX. *Revista Livro*, 7/8, 2019, p. 25-67.

TELLES, Norma. *Délia*. Disponível em: <<https://www.normatelles.com.br/d%C3%A9lia>>. Acesso em: 22 maio 2023.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. 3. reimp. São Paulo: Contexto, 2015. p. 401-442.

TELLES, Norma. Introdução. In: BORMANN, Maria Benedita Câmara (pseudônimo Délia). *Lésbia*. Organização de Norma Telles. Florianópolis: Mulheres, 1998. p. 5-22.

VOLPINI, Javer Wilson. *O literário feminino nos romances oitocentistas de Délia: tradição e ruptura*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/10937>>. Acesso em: 28 maio 2023.

